

Algumas observações sobre as origens do Ego e seus ideais

Marco Aurélio Crespo Albuquerque¹

Resumo: O autor assinala, inicialmente, que a diferença entre os conceitos de “Eu” e “Ego” não é semântica, mas conceitual, atribuindo ao “Self” o significado do verdadeiro “Eu”, no sentido winnicottiano, mantendo o Ego no lugar de instância psíquica componente desse todo. Discute, na sequência, as origens dos ideais como acontecendo no interior do Self, enquanto representação mais global do sujeito, baseadas em fantasias inconscientes. Situa o surgimento do conceito de ideal do Ego no trabalho de Freud, de 1914, sobre o narcisismo, descrevendo algumas modificações introduzidas por outros autores, que consideraram o Ego como parte do Self, e a relação desse conceito com os ideais enquanto expressão consciente de fantasias inconscientes, a diferença deles para as idealizações, sua relação com as pulsões e os tipos especiais de ideais que daí derivam, e qual o papel do psicanalista diante dos pacientes que buscam refúgio nas ilusões e nos ideais.

Palavras-chave: Freud. Ideal do Ego. Narcisismo. Teoria psicanalítica. Transmissão (Psicanálise).

¹ Médico, Psiquiatra e Psicanalista; Psiquiatra do Serviço de Saúde Comunitária do Grupo Hospitalar Conceição (GHC), Professor Convidado das Residências de Medicina de Família e Comunidade e de Psiquiatria do Hospital Nossa Senhora da Conceição; Membro titular com função didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, Membro Associado da FEBRAPSI, da FEPAL e Membro Efetivo da International Psychoanalytical Association (IPA).

Introdução

A psicanálise tem um problema insolúvel, com o qual temos convivido durante seus mais de cem anos de existência, que é a falta de uma terminologia uniforme, com a qual as coisas sejam nomeadas com precisão e alguma coerência. Isso, inclusive, é uma das coisas que torna difícil sua aceitação no campo científico, mesmo como uma ciência inexata.

Do que mesmo estamos falando quando falamos em nascimento do Eu? Do Eu como sinônimo de Ego, instância psíquica, como alguns preferem? Ou do Eu como sinônimo de Self, algo mais total e abrangente no nosso modo de funcionamento? Em minha opinião, o termo Eu não é uma boa tradução para Ego porque a palavra Eu, com “E” maiúsculo e em português, remete à ideia de que é ele que nos confere uma identidade enquanto sujeitos, uma “Eudade” (em contraponto à “alter-idade”). O problema não é apenas semântico, é conceitual, porque Eu e Ego são conceitos teóricos diferentes em psicanálise.

Não vou me deter em discutir as questões relativas à tradução da palavra “Ich” do alemão, portanto, vou usar a palavra Self no sentido winnicottiano, para designar a totalidade do ser humano, da qual o Ego é apenas parte, não o todo. Quando me referir ao Eu enquanto instância psíquica, usarei o termo que a versão brasileira da Standard Edition já tornou clássico, o Ego.

Ideais, que Freud atribuiu ao Ego, são uma característica própria da espécie humana, algo que nos distingue dos animais irracionais. Paradoxalmente, no entanto, suas raízes não são completamente racionais, porque tudo em nós é mais complicado, tudo tem um duplo estatuto, que vem em pares antagônicos, numa constante interação dialética:

1. Consciente x inconsciente
2. Representável x sensorial
3. Racional x emocional
4. Real x ideal
5. Ego x Self

Onde são gerados e a quem pertencem os ideais, ao Ego ou ao Self? Uma resposta teórica a essa pergunta será proposta a seguir.

De onde vêm os ideais?

Não é meu objetivo fazer uma ampla revisão do conceito, mas podemos descrever o Self como aquilo que define a pessoa na sua individualidade e subjetividade. Para Winnicott, o Self designa a pessoa enquanto lugar de

atividade psíquica, ou seja, o Self é o produto, o resultado de processos dinâmicos que asseguram a unidade e a totalidade do sujeito. O Self não é o Ego, mas sim a pessoa que é “Eu”, que possui uma totalidade baseada no funcionamento do processo de maturação. Ao mesmo tempo, o Self é constituído por várias partes, que se unem desde uma direção interior para uma exterior, no curso do funcionamento do processo de desenvolvimento e maturação, ajudado — na melhor das hipóteses — por um meio ambiente apoiador e facilitador.

Self e Ego não são a mesma coisa porque, sendo o Ego uma das três instâncias do aparelho mental, ele é apenas uma das subestruturas do Self enquanto representante global da personalidade. Baseados nisso, muitos analistas preferem se referir à ideia de “representação de si mesmo” em vez de simplesmente falar num “si” autônomo. Hartmann como citado em Porto Editora (n. d.) define Self como uma imagem de si mesmo composta de várias estruturas, entre as quais consta não somente o Ego, mas também o id, o superego, a imagem do corpo, ou seja, a personalidade total.

Já Kohut como citado em Porto Editora (n. d.), de maneira bem diferente, descreve o Self como um conteúdo do aparelho mental, exprimindo-se como um conjunto de representações investidas num modo narcísico. O Ego representaria a autoconsciência ou consciência do Self.

De acordo com diversos autores, não é o Ego que nos define enquanto sujeitos. O sujeito psicanalítico é bem mais amplo, aquilo que atualmente chamamos de Self, do qual o Ego é apenas um dos componentes, em interação com os demais. Em contraste, o Self pode ser definido como o conjunto das instâncias do indivíduo. Essas instâncias abrangem a tríade da segunda tópica, Id, Ego e Superego, bem como a forma de funcionamento pulsional predominante, as relações de objeto internas e externas, as fantasias que as acompanham, a estrutura psíquica resultante que cria, resultando no que chamamos de personalidade, aquele conjunto de características pelas quais nos reconhecemos e somos reconhecidos pelos outros.

Portanto, ao usarmos o conceito de Self, o Eu (o todo) se diferencia do Ego (uma parte do todo). Por exemplo, se a pulsão de morte, que sabemos ser um impulso inato do Id, for a origem de uma fantasia destrutiva onipotente, essa fantasia irá se expressar na consciência como um ideal destrutivo que pertence ao Self, mesmo que mediado, tornado racional ou atuado pelo Ego. Retomarei esse ponto com mais detalhes adiante.

De acordo com as ideias contemporâneas sobre o que seria o Self, se utilizarmos esse conceito como algo que corresponde ao nosso verdadeiro “Eu”, ou à sua representação mental, quem tem ideais não é o Ego, é o Self, uma outra maneira de compreendermos as origens e as funções dos ideais.

História e desenvolvimento do conceito de ideal de ego

Por enquanto, para fazer um recorrido do início do conceito, me aterei às ideias originais de Freud. Ele disse que o Ego tem ideais, mas de onde veio essa ideia? Em qual contexto histórico das ideias de Freud podemos situá-la?

Ela veio do conjunto de ideias que pertencem à teoria da libido e ao que chamamos de primeira tópica, nos primórdios da psicanálise. Em 1914, em *Introdução ao narcisismo* (1914/1990c), o Ego freudiano ainda não era uma instância da mente, pelo menos não da forma como viria a ser descrito mais tarde, na segunda tópica. Se ele sequer era uma instância, como poderia ter ideais? De quem ele pegava emprestado esses ideais? Isso veremos a seguir.

Esse Ego freudiano de 1914, é uma evolução do Ego de 1895, descrito no *Projeto* (1950/1990a). Aquele Ego procurava dar conta do problema da vivência alucinatória de satisfação. Ele funcionava como um elemento que, graças às marcas mnêmicas e ao teste de realidade, inibia a solução alucinatória e impelia o bebê em direção a soluções na realidade, para a descarga de tensões. Chupar o dedo enquanto alucinava um seio não matava a fome, era preciso atrair a atenção da mãe para ter o seu leite. Era um Ego que tinha, como função primordial, lidar com as pulsões de autoconservação e as libidinais, dirigidas para o objeto (o assim chamado “primeiro dualismo pulsional”, libido do Ego x libido objetal). Era um Ego assexuado porque ele próprio não era objeto da libido.

Com o trabalho sobre o narcisismo, na vigência dessa teoria da libido, o Ego passou a ser agente da destinação e destino da libido ao mesmo tempo, um Ego que não só gerenciava a realidade e a sobrevivência, através das pulsões de autoconservação, mas que se amava também, um Ego sexuado. Esse amor primitivo a si mesmo é que Freud chamou de narcisismo primário.

Se havia um Ego ideal, para Freud, o surgimento de um ideal do Ego seria um fenômeno natural, ao longo do processo evolutivo deste, mas relacionado ao mundo externo, aos objetos parentais. O ideal do Ego era o embrião do que depois viria a chamar de Superego, e esse ideal se constituía nos moldes do ideal narcísico dos pais, para atender suas exigências em relação ao filho. Ou seja, sua fonte era externa, e pela via da identificação é que a criança introjetava os ideais parentais, suas fantasias a respeito daquele bebê. Voltarei mais adiante à ideia de que os ideais são, na verdade, expressão de fantasias inconscientes.

No entanto, agora se sabe que o Ego, desde os primórdios da vida, já existe de forma primitiva, e é capaz de operações mentais complexas, como a cisão (splitting), a projeção e a identificação projetiva (tanto defensiva quanto comunicativa), e é capaz de se relacionar com seus objetos, ainda que parciais, e de forma parcial, mas com alto grau de percepção destes. Diversos estudos já

mostraram como o bebê interage com a mãe dentro do útero ainda (reage à mãe e seus estímulos, uma forma rudimentar de interação), e ele conhece a sua mãe ao nascer (estudos mostraram que o bebê é capaz de reconhecer o cheiro do leite da mãe nas primeiras horas de vida, assim como a sua voz etc.).

Os ideais, mesmo que possam ter influências externas, são essencialmente internos, porque essas operações mentais do Ego, mesmo as mais precoces, geram fantasias inconscientes, das mais arcaicas às mais evoluídas. Os ideais do Ego seriam a expressão dessas fantasias, utilizando-se da força das pulsões para determinar a direção desses ideais, se construtivos ou destrutivos. Mais adiante, retomarei essa existência de tipos diferentes de ideais, em relação com as pulsões e as fantasias produzidas por elas. Por ora, seria interessante nos perguntarmos que funções os ideais têm em nossa vida mental e de relação.

Algumas funções intrapsíquicas dos ideais

Vamos manter em aberto ainda a discussão se os ideais vêm do Ego ou do Self. Independentemente disso, é preciso considerarmos dois momentos cronologicamente diferentes ao longo do desenvolvimento. *Na vida infantil*, os ideais são parte de uma fase em que impera a onipotência primitiva, permitida pela mãe, dando ao seu bebê a ilusão de ter sido criada por ele, até que possa ir lhe mostrando o contrário, que ele é fruto dela, assim como os demais aspectos pré-existentes da realidade. Essa ideia de Winnicott acontece, para Melanie Klein, no interjogo entre as posições esquizoparanoide e depressiva. Vai da separação entre *aspectos maus x aspectos bons e idealizados* do objeto, até a percepção *eu x o outro*, já separado e com existência própria, isto é, as primeiras noções da realidade não criada pelo bebê, da totalidade e da independência do objeto, da alteridade. A consequência é que o objeto real e total jamais é ideal, exceto em fantasia.

Na vida adulta, os ideais são a lembrança de uma época supostamente “paradisiaca”, que resulta numa visão romanceada e idílica da infância. Para Alberto Eiguer (2020), os ideais são fragmentos remanescentes daquela onipotência ilusória que a mãe permitiu ao bebê no início da vida. Esse autor diz que os ideais são o mais puro produto do narcisismo, quer se apresentem sob a forma mais completa, ou realista, quer sob a forma mais irrealista. A perfeição, a exceção, o modelo absoluto, a grandeza, aquilo que pode satisfazer completamente servem para nos lembrar de onde viemos, do início da vida, que nos fez acreditar que tudo era possível. A falha materna em criar uma desilusão aceitável para a criança resulta em pessoas que têm no idealismo fanático a expressão de problemas não resolvidos na vida infantil.

Uma vez que uma das funções do Ego é negociar a satisfação dos impulsos com a realidade, qual a relação triangular que existe entre os ideais, as fantasias e a realidade? Steiner (2020) coloca essa questão de uma forma interessante, a partir de uma releitura psicanalítica do mito do Jardim do Éden, relacionando-o com o poema de Milton, *Paraíso perdido*, que trata da perda de um paraíso ideal causada pelo contato com a realidade, ao comer o fruto da árvore do conhecimento. Ele propõe que, intrapsiquicamente, os ideais são ilusões, estados de espírito para os quais podemos nos retirar, como um refúgio psíquico que usamos, principalmente, para escapar das várias fontes de ansiedade e dor, mas em parte para desfrutar das gratificações instantâneas que eles proporcionam. É a maneira que usamos para evitar aspectos desconfortáveis da realidade substituindo-os por essas fantasias, que nos proporcionam conforto, tranquilidade e prazer.

Para ele, as ilusões são naturais, e têm funções defensivas, uma versão particular de um refúgio psíquico, um paraíso perdido, para o qual podemos nos retirar e desfrutar de um mundo alternativo idealizado.

Porém, ao comermos o fruto da árvore do conhecimento, literalmente “caímos na real”. Portanto, temos que lidar sempre com o eterno problema do contato e do interjogo dialético entre as fantasias e a realidade. Steiner diz que

As ilusões são universais e onipresentes. Sua existência precisa ser aceita, mas eventualmente, para que o desenvolvimento prossiga, elas têm que ser reconhecidas pelo que são, apenas ilusões, fantasias, e um retorno à realidade é necessário. Assim como precisamos de defesas, é certo que precisamos de ilusões, mas também precisamos ser capazes de emergir delas e enfrentar a realidade. (2020, p. 12)

Temos aqui mais um duplo estatuto, *ilusão x realidade*. A realidade como nós desejaríamos que ela fosse e a realidade como ela de fato é.

A ambivalência entre a necessidade de aceitar a realidade como ela se apresenta, e o desejo de fugir dela, é um conflito essencial e existencial da condição humana. A aceitação tanto da ilusão quanto da realidade requer uma capacidade de entreter diferentes atitudes e crenças contraditórias simultaneamente, a capacidade de transitar do ilusório ao real, do sonho à vigília, do interior para o exterior. No entanto, aferrar-se à realidade ou aferrar-se a um ideal, é não ter essa capacidade dinâmica de trânsito mental bem desenvolvida.

Os ideais, quando cumprem uma função defensiva, nos oferecem proteção contra a realidade. Steiner (2020, p. 14) diz que “todos precisamos da ilusão para nos proteger do impacto da realidade, tanto quanto da experiência aterrorizante

da vida em sua dureza e crueldade, e das expressões igualmente assustadoras de nossos pensamentos e sentimentos internos”².

Sem ilusões, a vida às vezes seria insuportável, e outras vezes insuportavelmente monótona. Precisamos da ilusão para nos proteger da necessidade de enfrentar a verdade sobre nós mesmos, sobre o mundo em que vivemos, para garantir que nos desenvolvamos em um ambiente que não seja dominado pela ansiedade e pela depressão.

Steiner tem razão, os ideais nos oferecem uma proteção contra a realidade, mas é importante acrescentar que não é só isso, também nos oferecem a oportunidade de modificá-la, se pudermos encontrar canais de sublimação adequados para as pulsões libidinais e destrutivas, tornar nossas fantasias compatíveis com a realidade, aplicando no mundo os ideais que temos em mente.

Em teoria, a vida equilibrada seria aquela em que vivêssemos nossas fantasias, mas em contato com a realidade, aceitando-a e transformando-a. Ou seja, quando estamos equilibrados, nem vivemos completamente na realidade, nem na fantasia, mas num campo onde as duas têm seu valor e suas funções próprias. É como ir ao teatro. Lá dentro vivenciamos a peça, depois vamos para um bar ou um restaurante com os amigos e analisamos o que aconteceu no palco. Ou quando sonhamos e depois acordamos. É aí que se percebe a disparidade entre o mundo da fantasia e o mundo real que, em última instância, somos obrigados a aceitar.

Ideais como a expressão consciente de fantasias inconscientes

A filosofia nos diz que a razão pura gostaria que houvesse algo “ideal”, mas que não existe tal coisa no campo da experiência, na sua forma pura, todo ideal é uma abstração. No entanto, sabemos que a realidade psíquica, em grande parte inconsciente, é constituída de abstrações, aquelas que nós, psicanalistas, chamamos de fantasias, e essas têm um enorme poder sobre nós e os outros.

Susan Isaacs (1948) diz que a fantasia inconsciente é a representação mental da pulsão. Pegando emprestado esse conceito, e modificando-o um pouco, eu diria que *um ideal é a representação, na consciência, da fantasia inconsciente*. Penso que aquilo que chamamos de “ideais”, nada mais é do que a expressão consciente de nossas fantasias inconscientes, portanto um representante das pulsões que agem no interior do Self. Não há ideal cujo conteúdo seja puramente consciente, embora a forma de apresentação possa parecer ser.

² Trata-se de uma barreira de contato do Ego, amortecedora para as ameaças internas e externas. Os ideais nos protegem da destrutividade interna, de nossos desejos mais escuros — “our dark desires” — e da dureza implacável da realidade externa, cujo final é a morte.

Se temos que compreender e lidar com a dualidade pulsional, precisamos pensar os ideais dentro desse duplo estatuto também. Assim como as fantasias podem ter bases amorosas ou agressivas, de acordo com a pulsão predominante (seja ela de vida, seja de morte), os ideais, enquanto expressão de fantasias, podem vir dessas duas fontes, construtivas ou destrutivas, baseadas nas pulsões de vida ou de morte. Podem ser do tipo reparador, característica da posição depressiva, ou do tipo vingativo, uma característica esquizoparanoide, às vezes, uma mistura de ambos quando busca uma “reparação”, no sentido concreto (não no sentido kleiniano do termo), que expressa uma vingança. Do ponto de vista psicanalítico, reparação é algo que se faz em relação ao objeto, não algo que se exige do objeto em relação ao Self.

No cotidiano, “ideal” é daquelas palavras cujo significado já está saturado e, com frequência, é entendido como algo positivo, do tipo “Idealistas são pessoas muito bacanas”. Bem longe disso, uma vez que alguns dos seres humanos mais execráveis da história eram grandes idealistas, mesmo que sua idealização fosse à base da pulsão de morte, da crueldade e da destrutividade. Não é difícil de perceber que todo genocida tem um ideal, mesmo que esse seja desumano e imoral.

É impossível entender os ideais sem essa ligação com a dualidade pulsional, a intrincação da pulsão de vida e da pulsão de morte. Os ideais, enquanto representantes das fantasias inconscientes, não têm moral ou ética. Por isso temos tanto ideais construtivos quanto destrutivos. Paradoxalmente, esses têm, como base consciente, o desejo de melhorar o mundo, enquanto inconscientemente o desejo é primeiro destruir, para depois reconstruir em bases narcisistas, à imagem de seu criador.

Ideal ou idealização?

Se os ideais são a expressão consciente de fantasias inconscientes, a idealização é um momento inicial necessário e estruturante na vida do bebê, que separa o objeto em uma parte toda má, da qual procura se livrar e evitar, e outra toda boa, idealizada, que pretende guardar para si. É o tempo dos objetos parciais, com a nítida separação no Self entre amor e ódio, entre o bom e o mau. Quando essa separação se dissipa, na entrada da posição depressiva, o Self e o objeto podem ser vistos e sentidos de forma realista, não idealizada. O predomínio da pulsão de vida, e uma boa relação com os objetos parentais, capazes de cuidado amoroso e continência, permite a introjeção de uma crença interna na bondade do objeto, e uma identificação com esse objeto amoroso, que a pessoa levará para a vida na forma de otimismo e segurança.

Na vida adulta, as coisas podem acontecer de forma diferente. Idealizar é tornar algo que existe em algo que não existe (uma vez que o ideal é sempre abstrato), mas que precisamos que exista de uma outra maneira, idealizada. Há quem idealize as utopias, sem levar em conta que algumas nos projetam para a frente, para as realizações, e outras nos mantêm paralisados, aguardando que a realidade se adapte aos nossos desejos grandiosos.

Segundo Alírio Dantas (2020), no sentido original, utopia é a expressão de um ideal que não existe, a síndrome do lugar nenhum, a doce herdeira dos nossos sonhos e das nossas decepções. É a saudade do que nunca tivemos, ou do que tivemos e não gostaríamos de ter perdido. Uma das razões pelas quais as utopias são admiráveis é porque atuam uma onipotência narcísica da qual tivemos que abrir mão, mas gostaríamos de não ter aberto.

Quando ele fala em “herdeira dos nossos sonhos”, está dando às utopias um caráter onírico porque, se sonhar é um alimento mental necessário, permanecer eternamente preso ao sonho é um pesadelo aterrorizante.

A elaboração da decepção para a criança, e para o adulto, é um momento significativo não apenas porque estabelece uma relação mais realística com objeto, mas porque no curso da desistência da posse concreta de um objeto ideal é que a função simbólica é estabelecida, e o objeto concreto no mundo interno é substituído por um símbolo, dando origem à capacidade simbólica. É na falta que surge o símbolo e pode acontecer o crescimento pessoal. Quando bem elaborado, o abandono da idealização produz uma mudança significativa no pensamento, que se torna menos concreto e radical, ampliando sua capacidade simbólica e criativa.

Klein (1996) considera que, ao longo do desenvolvimento, a posse do ideal é gradualmente abandonada e o concreto é transformado em símbolo, e esse processo envolve o movimento que vai de um Ego ideal narcisista para um ideal de Ego simbólico. Além disso, mesmo que isto seja claramente baseado em cisão, idealização e ilusão, tem uma função importante de modelo de evolução e transformação dos conteúdos mentais.

Eiguer (2020) separa ideal de idealização. Esta última seria a predisposição para idealizar uma pessoa, um grupo, uma nação, o que para ele abre duas possibilidades: ou já estamos no nível da doença ou na forma mais simples de relação com o pai e a mãe, na base da construção desse pilar do aparelho psíquico que são os ideais. Logicamente, todos passamos por esse processo no início da vida, mas alguns de nós permanecem demasiado presos a ele. O objeto é exaltado, idealizado psicologicamente, considerado a parte mais nobre de si, a perda dele ou mesmo a ameaça de perda, passa a ser insuportável, no mesmo nível da decepção e do luto.

Na esfera patológica, a idealização encobre o ódio, é uma defesa contra o sentimento de perseguição, o temor do ataque desse outro. O objeto idealizado é sempre um objeto persecutório, e isso vale para pessoas, grupos, ideologias, causas. Por isso Deus, visto como a fonte de tudo que é bom e amoroso, também é descrito como vingativo e persecutório, como no poema de Milton, *Paraíso perdido*, estudado por Steiner.

A idealização pode ser também uma manobra defensiva para estabilizar uma desilusão, uma desidealização, a decepção “causada pelo outro”, que se teria mostrado diferente do previsto, ou não controlável. Nesse caso, ela aparece como uma defesa face ao sentimento depressivo, em que o idealizar acontece para não se dar conta e ter que lidar com a verdade e com a alteridade.

Em outras palavras, a idealização de alguém ou de algo na vida adulta tem uma função defensiva ou, na pior das hipóteses, é uma realização do narcisismo patológico. No entanto, ela pode ser necessária. Embora apareça como uma defesa, inscreve-se em certos casos no movimento defensivo que visa superar as angústias de perda, a exemplo de qualquer criança pequena em seu desenvolvimento normal. É importante distinguir o alívio, a alegria e a esperança que acompanham essa idealização, que tem uma função reparadora junto ao ser em sofrimento. Isso é diferente da recusa de reconhecer a realidade, observada, por exemplo, nas defesas maníacas.

Alguns tipos especiais de ideais

Como dito anteriormente, nem todo idealista tem como motor inconsciente do seu ideal a pulsão de vida, consideração ou amor pelo objeto. Hitler era um idealista, e se apresentou ao sofrido povo alemão com o nobre ideal de reconstruir a mãe-pátria devastada e empobrecida pela I Guerra Mundial. No entanto, não buscava reparação, mas vingança pela derrota humilhante, e o objeto pelo qual mais nutria amor era o poder, mais especificamente o tipo de poder maligno capaz de destruir pessoas, etnias e países.

Em termos freudianos, poderíamos dizer que ele se achava a encarnação do Ego ideal e seu ideal de Ego era tornar o mundo um lugar perfeito, isto é, sem fracos ou doentes, sem judeus, sem negros, sem ninguém que não fosse ariano, sem ninguém que não fosse uma cópia sua, o que hoje chamaríamos de um narcisismo maligno. Era a encarnação de um Ego ideal destrutivo, o próprio “Sua Majestade, o Bebê”, e tinha o nazismo e o reich de mil anos como ideais de Ego, cujo resultado foi morte e destruição por uma década.

Stálin foi outro idealista destrutivo, ficou 26 anos no poder e o comunismo, a expressão ideológica de seu ideal de Ego, teve consequências muito mais nefastas, com milhões de mortes a mais que Hitler. A “justiça social”, como

proposta pelo seu partido, não buscava reparar as desigualdades entre os mais ricos e os mais pobres, entre “burgueses” e “proletários”, um ideal racional, mas uma fantasia irrealizável. Na verdade, o objetivo explícito era promover a luta de classes, cujo objetivo final era eliminar uma delas, a burguesia culpada de todos os males da humanidade. Livres da classe dominante, os dominados encontrariam a cura num mundo idílico, sem exploradores e explorados. Já sabemos como o sonho se transformou em pesadelo, porque a proposta não era conciliatória, mas excludente e vingativa porque a conciliação era intolerável, vista como uma fraqueza antirrevolucionária.

De maneira geral, os ideais dos fanáticos e tiranos de qualquer ideologia é sempre uma manifestação de seu Self narcisista maligno e destrutivo, dialeticamente articulado com suas fantasias onipotentes, que é sempre transformar os outros numa cópia de si mesmo, ainda que o outro não queira. Curiosamente, as ideologias coletivistas de direita e de esquerda são iguais nesse quesito, substituem e subordinam a vontade pessoal à vontade coletiva, criando milhões de cidadãos-cópia.

Quando conectadas com as pulsões de vida e bons objetos internalizados, fantasias podem se expressar como ideais criativos, capazes de produzir mudanças pessoais, sociais e culturais significativas. Freud, que tinha o sonho de descobrir a cura para as doenças nervosas, e acabou por descobrir e criar a psicanálise, é um exemplo óbvio de uma obra tão vital e criativa que mudou a forma como vemos o mundo. Darwin, com seus estudos sobre a evolução das espécies, mudou a pretensão humana de ter sido magicamente criado do barro por um ser onipotente, e nos ajudou a compreender que grandes mudanças não caem do céu, mas como resultado de um longo processo evolutivo.

O ponto comum que os ideais construtivos têm entre si, quando predomina a reparação depressiva e não a vingança esquizoparanoide, é que costumam ser oferecidos e compartilhados, não impostos à força, contribuindo para o bem-estar da humanidade, salvando vidas ao invés de tirá-las.

Se tiranos sanguinários podem ser considerados idealistas, a ponto de serem idealizados, em que medida o idealismo pode ser uma expressão do narcisismo, seja ele trófico ou maligno? Já vimos o que disse Eiguer (2020), acima, sobre a relação entre idealismo e narcisismo. Mas o próprio Freud disse, em *Totem e tabu* (1913/1990b), que os atos obsessivos primários dos neuróticos têm um caráter inteiramente mágico, e que no homem primitivo o processo de pensar era sexualizado. Essa é uma semelhança com o idealismo, que é altamente sexualizado e investido de uma libido que inflama o idealista. Freud viu nisso uma relação plausível com o narcisismo, então é possível supormos que o idealismo possa ser um aspecto sexualizado e racionalizado do narcisismo.

O ser humano desde sempre povoou o mundo com seus ideais, que nada mais são do que as projeções dos aspectos internos, conscientes ou não. Vivemos não apenas para aquilo que já existe, mas para aquilo que gostaríamos que existisse, e com isso temos dois caminhos: na melhor das hipóteses, vamos transformando aqueles aspectos que recusamos da nossa realidade, e aceitando outros que não podemos mudar; na pior das hipóteses, os ideais precisam ser impostos por coerção ou à força.

A atitude psicanalítica

Para concluir, é bom lembrar que a atitude psicanalítica será sempre a de aceitar e respeitar as ilusões, os ideais e as fantasias que os pacientes expressam, pois esse é um aspecto inerente a ela. O que não significa compactuar com ideais narcisistas malignos, mas trabalhar para que os pesadelos em que essas pessoas vivem possam um dia se transformar em sonhos. Steiner (2020) diz que, ao ouvirmos nossos pacientes, precisamos nos deixar envolver em suas histórias, nos identificarmos com sua situação, nos juntarmos a eles em seu mundo de fantasia, onde iremos partilhar de seus prazeres e de suas tristezas, e também de suas frustrações e de seus ódios. Quem não estiver disposto a isso, deve rever seus conceitos e propósitos a respeito da função do analista.

Precisamos sentir e estudar o paciente do ponto de vista de um observador, ao mesmo tempo dentro e fora da dupla, assim como primeiro sentimos e depois pensamos sobre o significado de uma peça, ao sairmos do teatro. Lá dentro vivenciamos a peça, depois analisamos o que aconteceu no palco. Ou quando sonhamos e depois acordamos, o onírico dá lugar ao despertar, à consciência. É aí que se percebe a disparidade entre o mundo da fantasia e o mundo real que, em última instância, somos obrigados a aceitar.

Se a verdade for vista de uma perspectiva rígida e restrita, sem empatia e bondade, não conseguiremos reconhecer que ela pode ser baseada em fantasias inconscientes. Isso traz a necessidade de reconhecer quando a busca da verdade pode transformar o analista em um radical, no qual uma visão particular da verdade é idealizada às custas da não percepção da situação mais ampla. A verdade suporta várias narrativas a seu respeito, costuma ter vários proprietários, a realidade não.

Alguns ideais, sejam reparadores, sejam vingativos, ou uma mistura de ambos, eventualmente, tornam-se mais realísticos e podem se concretizar. Outros ideais são abandonados e substituídos, ou permanecem abstratos para sempre.

A crença na existência de um mundo ideal segue sendo a expressão narcisista de um desejo infantil nunca realizado, fadado ao fracasso pelo contato com a

realidade. O que está ao nosso alcance é seguir sonhando e fantasiando, vivendo a realidade da forma como ela se apresenta e mudando aquilo que estiver ao nosso alcance. Ou isso também seria um ideal?

Some observations on the origins of the Ego and its ideals

Abstract: The author initially points out that the difference between the concepts of “I” and “Ego” is not semantic, but conceptual, attributing to the “Self” the meaning of the true “I”, in the Winnicottian sense, keeping the Ego in the place of a psychic instance. component of this whole. It then discusses the origins of ideals as happening within the Self, as a more global representation of the subject, based on unconscious fantasies. He situates the emergence of the concept of the Ego ideal in Freud’s 1914 work on narcissism, describing some changes introduced by other authors, who placed the Ego as part of the Self, and the relationship of this concept with ideals as a conscious expression of unconscious fantasies, their difference to idealizations, their relationship with drives and the special types of ideals that derive from them, and what is the role of the psychoanalyst taking care of patients who seek refuge in illusions and ideals.

Keywords: Ego Ideal. Freud. Narcissism. Psychoanalytic Theory. Transmission (Psychoanalysis).

Referências

- Dantas Jr, A. T. (2020). Os ideais e a desilusão: A função das utopias. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(4), 73-81.
- Eiguer, A. (2020). Os ideais e o narcisismo trófico. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(4), 83-100.
- Freud, S. (1990a). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950)
- Freud, S. (1990b). Totem e tabu. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 13, pp. 11-125). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Freud, S. (1990c). Sobre o narcisismo: Uma introdução. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 83-119). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

Klein, M. (1996). A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego. In E. Barros (Ed.), L. Chaves (Trad.). *Obras completas de Melanie Klein* (Vol. 1, pp. 249-264). Rio de Janeiro: Imago.

Isaacs, S. (1948): The nature and function of phantasy. *International Journal of Psycho-Analysis*, 29, 73-97.

Porto Editora. (n. d.). Self (psicologia). In *Infopédia*. [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$self-\(psicologia\)](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$self-(psicologia))

Steiner, J. (2020). *Illusion, disillusion, and irony in psychoanalysis*. London: Routledge.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 14/04/2022

Aceito em: 01/06/2022

Marco Aurélio Crespo Albuquerque
Rua Miguel Tostes, 201 / 1010
90430-061 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: marcoalbuquerque@me.com